



ENSAYOS LITTERARIOS

JNALRO

DE UMA ASSOCIAÇÃO DE ACADEMICOS



MINHAS REFLEXÕES:

I.

O CHRISTIANISMO.

Houve um facto na vida da humanidade, lá vão quasi dois mil annos, o qual regenerou a sociedade decrepita em seos alicerces.

Os costumes se tinham corroido á força de devassidões; os homens calcavão aos pés com indifferença os outros homens, e a vista do sangue refrescava a sede de que elles se possuião: o egoismo sordido tinha plantado sua séde nas ruinas da humanidade; a escravidão era lei nos seos codigos de corrupção, e o principio de liberdade circunscripto a uma corporação, que era verdadeiramente escrava de um só homem: as gerações cançadas tinham procurado no servilismo e abatimento um repouso de inercia, semelhante ao prisioneiro que se torna immovel para não sentir os ferros que o macerão.

Neste descahir de todas as esperanças surgio do meio da escuridão uma estrella bella como a Venus da tarde, e veio aclarar o caminho da verdade. Essa estrella tomou a forma de um homem, a quem a miseria acompanhou no berço, na vida, e que alfim foi exhallar o ultimo suspiro n'um instrumento de infamia erguido por mãos deicidas. Houve então a perseguição do inferno para um homem que ás injurias respondia com palavras de paz e resignação: e sua humildade foi sua sentença: chamarão-no impostor, conspurcarão suas faces angelicas com o cuspir da maldição: rasgarão suas carnes com o azorrague da ignominia, e esparzirão seo sangue pela terra que tremeo de tanta furia.

E esse sangue foi orvalho da manhã que veio fazer brotar

a semente de uma seita lançada ao mundo pela sua palavra divina.
Este homem foi o Christo: esta seita foi o Christianismo.

Depois doze homens cheios de fe, e inspiração, em cujo seio se tinha depositado essa semente que em breve floresceria, e daria fructos, se disseminarão por toda a terra, deixando na sua passagem a verdade tantas vezes sellada pelo seu sangue. E nelles continuou a perseguição, porque elles descobrião as ulceras viciosas da humanidade, e as lançavão em rosto aos grandes da terra, sacudindo de suas sandalias a poeira das cidades. E o proselitismo crescia porque elles esparzião doce balsamo nas feridas dos oprimidos pelos grandes, e lhes prestavão forte bordão a que se arrimassem na tortuosa senda da vida: a esperança n'um Deos.

E novos homens vierão que continuarão a propaganda; e novos adeptos se offerecerão a cimentar com sua vida o estabelecimento da verdade: santos martyres sorrindo entre torturas e fogueiras para seu Divino Mestre, que do Céu os contemplava cheio de amor!

Pouco a pouco a debil semente se tornara arvore frondosa, té que vio á sua sombra acolher-se humilde a orgulhosa purpura dos Cesares: assim gigantesca ella quiz abarcar com seus galhos o espaço immenso.

Mas em breve o espaço não consentio que impune ella avassalasse a terra, e lá no Oriente, berço da humanidade e das seitas como o é do Sol, surgiu um outro homem pregando uma nova lei, profeta unico na terra de Deos unico no Céu: e esse homem scellava tambem sua crença com sangue, não do seu, mas da humanidade.

E a Arabia se levantou ao som da tuba de Mahomet, e foi procurar proselitos degolando cabeças.

Depois dirigio-se ao Occidente, em quanto a arvore transplantada para Roma se dirigia ao Oriente: encontrarão-se no caminho, e houve um choque necessario e horrivel; choque de idéas e crenças materialisadas em homens, e o sangue correo a jorros, sangue de Mouros, sangue de Christãos. E a arvore do Christianismo reverdeceo mais bella que esse sangue lhe ajuntara maior seiva.

Livre d'esse combate e victoriosa, forte no seu throno de dogmas e misterios, ella pesquisou todas as sciencias, em todas julgando-se universal, cheia de orgulho disse — a sabedoria é só minha —.

Depois lançou os olhos para o temporal, e vendo os reis cegos de superstição necessitarem de seu auxilio para legitimarem

usurpações e governarem os povos, ella alimentou a superstição, legitimou as usurpações, e cheia de ufanía disse: — o poder é só meo —.

E este poder era inabalavel, pois era baseado sobre um não sei que principio de infalibilidade.

Então principiou por distribuir e tirar corôas, e acabou por obrigar os reis a rojarem-se a seos pés pedindo treguas ao seo furor desapiedado; e ella os repellia com as sandalias de S. Pedro.

Forte no seo posto, julgou-se invencivel com a milícia que a rodeava, milícia poderosa dos confessionarios, campo horrivel onde o espirito é aniquilado pelo espirito, obrigado a dobrar-se ante as palavras fulminantes de um homem.

E virão-se fogueiras pelas praças, negras masmorras onde os gemidos erão atabafados pelo ranger das torturas, e homens de missão pacifica constituidos sem piedade em tribunal de morte.

E os reis tremerão nos seos thronos; e os povos gemerão na sua miseria. E o Christo, o Philosopho Divino, lá do Céu lançou um olhar de compaixão para esses que desconhecião sua missão; missão de amor e paz, transformada em missão de odio, e sangue.

C.

(*Continua*).



BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE

O ROMANCE,

(*Coutinuação do N.º antecedente*).

O romancista dependendo em suas descripções do tempo e do espaço, estuda os costumes da epocha e do paiz em que vive sua personagem, perscruta e revela os segredos de seo coração, analisa uma por uma as paixões que dominão sua alma: revolve e penetra os arcanos de seo peito, faz-lhe a autopsia, e examina miudamente os misterios que asilão-se impenetraveis em seo coração. Severo em seo juizo elle não poupa nem classe, nem individuo, nem prejuizo, nem a ignorancia; tudo é dissecado pelo seo escalpello e

vem sentar-se junto á barra de seo tribunal. O pauperismo que necessita comprar com o suor quotidiano o pão para alimentar-se, e a riqueza que orgulhosa ufana-se no seio das galas e pompas respondem ao seo interrogatorio austero e solemne.

O passado e o presente lhe fornecem ricas legendas e paginas peçadas de factos, que elle reproduz envolvendo-os com o véo da poesia, e trajando-os com as vestes singelas e simples de que a historia não sóe vestil-os; e a imaginação sonhando em seo phantasiar dá-lhe objectos para as suas concepções nobres e bisarras, que não deixão todavia o dominio da possibilidade. Expondo a realidade dos factos paira sobre as ruinas do passado, escuta o gemido que desprende-se da profundez da terra, e dos restos de velho castello e antiquada ermida, e que vem sumir-se e esvair-se na immensidade; contempla as flores e os espinhos do presente, colhe estas, e rega-os com lagrimas de dor e compaixão: vê compassivo o trabalho do proletario que mal sustenta seo trabalho, e comprime em seus labios um sorriso ironico e de maldição que excitou-lhe o usurario e seu ouro tão mal possuido. Concentrando-se no dominio da phantasia e das illusões elle diverte e agrada com suas ficções, conta as lendas que o povo cheio de prejuizos e preconceitos tem conservado tradicionalmente, finge tudo, e expõe a possibilidade de factos que a historia não tem ainda collocado na vastidão das realidades. Real ou ficticio, se vai buscar nas paginas dos tempos passados um facto para reproduzir, ou se vai colher um reflexo da phantasia, uma pura concepção do espirito sem typo real para lançal-a no coração do povo, e distrahir-o de suas penosas fadigas e de seus diarios trabalhos, o romance é historico ou puramente de imaginação.

Revolvendo as ruinas do passado o romance historico reflecte os usos de um povo e de um paiz, vai ver esse cadaver arrojado ao canal de Orfano durante a noute, e cala o segredo que conserva-se mudo e inalteravel, porque o Conselho dos Dez tem espiões que tudo vigião e que conhecem tudo, e não quer que esse facto deixe de ser um misterio; senta-se á sombra dos bosques para ouvir os planos dos Calonnas contra os Orsinis seus inimigos figadaes: prodigalisa o sublimado veneno dos Borgias que tantas victimas encer-

rarão em negros ataudes; peregrina pelas montanhas da Escossia, ouve os seos antigos bardos, contempla o velho Ossian dirigido em seos passos pela celestial Malvina, candida florinha dos montes escocezes, angelico cherubim de seos agrestes ermos: mira-se nas aguas do Mechascebé, estuda os costumes dessas tribus que erradias andarão por suas margens, vê o Huron e o inditoso Natchez, contempla as mudas praias do Ontario e Erié, e pergunta-lhes pelos seos antigos habitantes, e ellas calão-se e emmudecem, e deixão vêr em suas margens ondas tão tristes que parecem lagrimas de seos filhos. Quando descreve o presente, elle vai estudar esses costumes livres dos tempos modernos, essas idéas que o povo acaricia, porque lhe forão transmittidas pelos seos maiores, e forão selladas com o seo sangue: examina principios e crenças, religião e politica acrisolados pela revolução de 93, que amalgamou tudo em um livro que denominou — livro do povo, porque ahi elle é sublime e grande, é mais forte que a nobreza e o clero, e ja tem realisado a profecia de Sieyes.

Mas o romance ficticio collocado no dominio da fantasia e da imaginação respira e ressentese do toque de illusão e de côres apparentes e enganosas que lhe forão dadas e attribuidas. Descrevendo a possibilidade de factos ainda não realisados, e pintando a vida humana e seos phenomenos elle não deixa de convir á instrucção, e antes é um meio facil e agradavel para a sua acquisição, porque mostrando os erros e desvarios, em que pode o homem cahir arrastado pelas suas paixões é um impedimento e estorvo contra o crime, e com facilidade o dispõe á abraçar e acolher a virtude.

O effeito dessas ficções para conseguir esses fins é mais facil e efficaz do que aquelle, que póde ser produzido pela simples instrucção; e foi reconhecendo isto que em todos os tempos empregarão-se fabulas como vehiculos de conhecimento, e em todos os paizes vê-se dominar a ficção: e nem podia deixar de ser assim, quando ella é um antidoto contra os enfados da vida, e contra os pesares, que rodeião e cingem per toda parte o homem. Affeito e dominado pela invenção e pelo amor da fabula o genio de alguns povos encravou em todas as suas producções parabolae e ficções: e as nações orientaes paradigmas nesse

genero tingirão com essas côres ficticias a sua Religião e a sua Philosophia; parece que o Oriente é o berço das illusões e das phantasias.

Puramente filho da invenção o romance de imaginação é mais difficil de ser produzido que o romance historico, porque é todo elle uma creação nova, é uma producção que não tem um typo no mundo real: e a invenção é sempre um parto do genio assim como a reproducção é fructo da mediania e da mediocridade.

Essa especie romantica, é por sua essencia mais adequada á classe proletaria, que balda de instrucção aprecia mais a ficção do que a realidade, e muitas vezes confunde aquella com esta. Sem educação litteraria ella não tem dados para a justa apreciação de factos commentados pelo romancista historico, e no entretanto que a ficção é para ella um deleite, em que expande-se sua alma e coração, porque não lhe falta imaginação e antes lhe sobra.

O romance da vida real é porem de mais solida instrucção e mais agradavel e adequado a classe elevada da sociedade do que o romance todo ficticio. Sir Walter Scott pensando que nem-um romance era semelhante ao romance historico constituiu-se chefe dessa escola romantica que escreveo em sua bandeira o passado e o presente, e que tem corrido a sua pena de ouro sobre as folhas da historia do homem. Consequente com o seo primeiro pensamento ella foi beber suas inspirações, e colher factos isolados no presente e no passado para vivifical-os e reproduzil-os em uma nova epocha, e manifestal-os sob um nova luz.

O romancista historico vae desenterrar velhas chronicas, e antigualhas para offerecel-as á meditação da geração presente: espelha todos os tempos que fugirão á immensidade com todos os seos usos e caracteres particulares, embebe-se e enleva-se com a contemplação de carcomidos arcabouços, penetra essas vastas abobadas de antigos castellos defendidos por suas altas torres, com suas pontes levadiças, com seos muros e palissadas: evoca as ruinas, consulta os epitaphios das lousas, as inscripções tumulares, e d'ahi tira objectos para suas descripções. Sua pena é talhada para ostentar á geração presente sua vida e seos usos, e para reflectir-lhe em um quadro bem colorido o passado com suas tradições e legendas. Collocado na epocha em que viveo sua

personagem o romancista historico representa os habitos e costumes, que dominavão nesses tempos com a fidelidade do observador imparcial, e os examina com a critica austera e rasoavel, que só gera o conhecimento da causa, que analisa. Elle estuda esses tempos, em que o enthusiasmo religioso armou o Occidente contra o Oriente, e conduzio da Germania, França e Inglaterra myriadas de homens para resgatar dos Sarracenos o sepulchro de Jesus, reunidos somente por essa simples expressão — *Deos assim o quer* —. Crimina as torturas, porque passou o nobre Guatmosin, contempla a queda do throno dos Incas, e examina os requintados tormentos, que produzirão os Pizarros e Almagros contra essas innocentes tribus do Novo-Mundo defendidas pelo humano Las-Casas: elle vai ver esses missionarios que coroarão com o martirio sua vida de abnegação, de trabalhos e provações, esses intrepidos apostolos, que não temerão morrer nas mãos das hordas selvagens só para plantar a cruz da redempção nas virgens florestas, e chamar a si esses povos barbaros e antropophagos.

A P F.

DIA DE FINADOS.

Ha um dia na nossa relegião filha de seculos, um dia inteiramente consagrado ás preces e dores da terra que nos fazem recordar de morte, e pensar na vida transitoria passagem onde a alma acrisolada pelas desgraças volta á sua verdadeira patria —o Céu— é o dia de finados.

Dia triste, dia terrivel em que se ouve o dies iræ lugubre reboando pelas arcadas do templo, em que se vê as multidões com ardor e fé orando pelos seos já passados, e orando suas campas com flores que reverdecem pelas lagrimas da dor. E em tudo isto ha alguma coisa que punge o coração—o contraste entre a vida e á morte, entre a existencia e o nada: essas torres mandando aos ares um grito de alerta no soar do bronze, esse psalmear monoto e lugubre dos sacerdotes, essas orações que se escapão de um labio gemendo, e os prantos que se somem n'um seio de virgem —de um lado, e do outro, a natureza cheia de viço, as flores tremolando em suas hastes, as arvores balouçando-se em seos troncos, e o homem fallando do futuro—tudo isto nos leva a

pensar nas illusões da vida, tudo nos arrastra irresistivelmente para o aniquilamento.

Pobre humanidade! nasce no seio de uma madраста que se diz — a natureza — e ao nascer um gemido se escapa do infantil peito, gemido de dor precursor de outros mil, vive na oscillação continua da desigualdade humana, e morre incerta do caminho a seguir: e no tumultuar d'essa vida só dois pontos culminantes onde tudo se encerra — o berço e o tumulo — em ambos a incerteza, a dôr em ambos! Quem sabe se melhor fôra não viver!

Dia triste, terrivel! ha com tudo ahi um apoio a que as almas se arrimão, uma luz perennal que nunca vacilla, um sopro que acalma a effervescencia do pranto — a fé. — Sublime dom do Céu, sem teo encanto de misterios os povos seriam uma multidão de condemnados precipitando-se no abysmo insondavel da desesperança e ahi aniquilando a materia e o espirito. E's tu que seccas as lagrimas da orphã gemendo uma oração á campa de sua mãe; és tu que minoras os ais do consorte pranteando a consorte amada; és tu em fim que sugeres ao philosopho esses pensares placidos subindo do pó inanimado a sumir-se no foco eterno da celestial luz. E' a fé que se respira no reboar do bronze, no funebre canto dos sacerdotes, no aroma rescendente de incenso, no soluçar do orgão e nas lagrimas dos vivos junto á morada dos mortos.

Porque ahi desses canticos, d'esses sons, d'essas campas surge uma voz doce como o suspirar da brisa, limpida e clara como o Céu de nossa terra, e ella diz — espera! — porque ahi se eleva no sanctuario, solitaria e melancolica, o simbolo do martirio — a cruz — e ella mudamente exclama — morri para salvar-vos!

O' Christo teo sangue orvalhando o Golgotha, teo ultimo suspiro que não poderão abafar a vozeria dos deicidas, que era o suspiro de um Deos, teo olhar meigo para a Mãe desgraçada, fria estatua de marmore, mais bella assim, deixarão as gerações passadas e as que seculos tem de produzir um testemunho de teo amor sacrosanto — a redempção — por ella descerraste as portas do Eden celestial e revindicaste com teo sangue a alma parte da tua essencia que em tetrica escuridão vagava chorea; por ella reservaste um premio em teos braços para a desgraça consumida na terra. O' Christo nossos olhos vertendo lagrimas de sangue, nossos peitos dilacerados pela penitencia, nossos corações chagados pelo martirio, nada é bastante em reconhecimento a ti.

Redempção — é a palavra fulgurante que se vê pairar por sobre as campas; é ella que nos ensina, mostrando o pó, a verdade não practicada na vida, a igualdade desapiedadamente calcada no mundo pelos bastardos da humanidade. O' lição sublime anteposta a nossos olhares neste dia tremendo; despidas as galas do luxo, arrancados os brasões dos escudos, levantados os marmores dos tumulos, a humanidade só vê despresivel pó, e o philosopho a realisação da igualdade humana, igualdade na morte, igualdade ante Deos.

E' bello, é sublime verem-se confundidos debaixo do mesmo tecto a dormirem eternamente sem distincção, sem rumor, sem queixume, o velho aos pés do infante, o escravo ao lado do senhor, e o plebeo a par do nobre; e a receberem todos as mesmas preces, todos as mesmas lagrimas, por que todos são finados.

Nivellador temivel o pó tudo arremessa ao mesmo abysmo, innocencia e vicio, força e fraquesa, mocidade e velhice.

Ahi se vê a criancinha ha pouco sorrindo com seo surrir de anjo descuidoza do mundo que não conhece, florinha da primavera fenecer ao sopro do vento regelado do inverno que de pouco passara.

Ahi a donzella arfando-lhe o peito de amor, suspirando apoz sonhos de felicidade, ora triste a desfolhar uma flor chorando sem saber porque, ora leda a correr no prado deslembrada das magoas recentes, ir encostar a loura cabeça no humido travesseiro da tumba e lá adormecer eternamente. Nem chegarão a gostar da taça amarga da vida que ja desviavão os labios procurando na campa o somno da insensibilidade.

Ahi a mocidade egoista de sua força avassalando tudo com o poder de seo braço, e com a irresistivel magia de suas palavras lançando em torrentes ao mundo admirado idéas que lhe fervião na mente; e a decrepita velhice sempre a chorar o passado, fatigada arrastando-se para o leito que lhe reservara a natureza ao sahir do seu seio, tudo se reduz a ressequidos ossos, medonhas caveiras cujo sorrir faz gelar o sangue nas veias, e callar a palavra nos labios.

E esses ossos se converterão em negra poeira, e o vento a levará em suas azas sem discernir qual a do infante qual a da donzella, qual a do moço, qual a do velho.

Jovens que amaes, que idolatraes a carne, vinde aqui a estes lugares de morte contemplar aquella em cujos olhos bebieis vida de delicias; seos labios não escaldão mais com o ardor dos beijos, o contacto humido da terra os ha resfriado,

seo peito não arfa mais de amor, pesada pedra o suffocou. De seos labios de anjo, de seo queixo arredondado, de seo collo mimoso, de seos contornos feiticeiros só resta hediondo esqueleto; o mais presa dos vermes, perguntai a elles o que fizerão? cumprirão a lei da natureza.

Jovens ambiciosos que correis a poz phantasmas de gloria, honras e riquezas, vinde ver o termino de vossas affadigas vigílias, dez palmos de terra, e esses mesmos tantas vezes disputados! aqui debaixo do pezo de sua gloria com indifferença calco a poeira do heroe, e nem um gemido, nem um queixume se ergue da campa, que ferreo somno os liga, que o pó é mudo.

Vaidade humana que riso não causão tuas pretenções, quando deslembrada de que a vida é um sopro, um nada, ergues sobre bases de argila castellos de oiro! desglaçada humanidade que melhor não fôra despindo-vos de todas essas esperanças da terra, elevar-vos para alem d'essa cursta azulada que nos cerca, e lá depositar os pensamentos na esperança do Céu, a unica que nunca morre, a unica santificada pelo sangue do Deos-homem! Mas o nosso seculo, seculo de corrupção porque é o do mercantilismo, tem seccado á força de calculo os sentimentos os mais naturaes do coração; o egoismo tem alçado seo throno sobre restos inda palpitan-tes da outr'ora religião de nossos paes; hoje a moda tem tudo estragado; hoje neste dia de lucto e lagrimas, o riso e a orgia com seo estridor insultuoso vão perturbar no seo somno as frias cinzas dos pacificos mortos; até no templo, no lugar o mais santo da terra, se vê e se ouve o que ante suas aras profano pagão algum nunca ousara! Triste decadencia de nossos costumes a que abysmo não nos vae guiando este desprezar de todas as crenças, de todo o respeito devido á magestade de um Deos! ás vezes quando lá desponta uma alma pura como luz incerta no meio da noite, um riso satânico a insulta, um bafo pestifero a acommette, ella vacilla, e muitas vezes morre, qual alampada á mingoa de oleo.

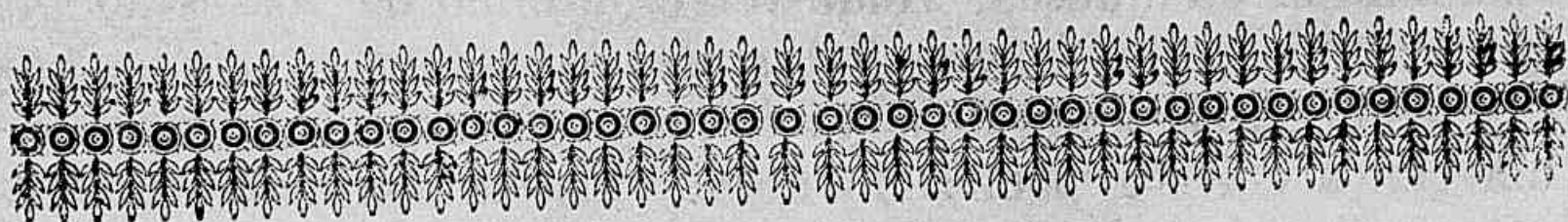
Mortaes sustae essa carreira que conduz ao aniquilamento, vinde sentar-vos ás bordas destas campas, meditar e chorar; e essas lagrimas deslizando-se mansas e mansas irão orvalhar vosso coração ressequido: vinde beber a fé na poeira denegrida dos mirrados ossos, seo dizer de mudez será mais forte que as mais tocantes homilias.

Orae, choraee, que outros orarão e chorarão sobre vós: é tão doce pensar que um labio que se beijou balbuciará uma oração; que uns olhos que se amarão, chorarão uma la-

grima! E' que a alma ao fugir do corpo inda quer da terra uma lembrança; é que os olhos já cerrados inda pedem uma lagrima.

O' natureza mesmo de teo pó inerte surge um grito, e este é todo de amor e esperança!

C.



ESTUDOS

SOBRE OS COSTUMES NACIONAES.

O PESCADOR.

CONTINUAÇÃO DO QUADRO III.

O pescador tem seos amores, uns amores muito faceiros e inquietos cuidados lá á seo modo simples, e fruidos bem suaves, sem maos pensamentos: sao uns amores muito receiosos e timidos, mas essa timidez lhes dá um encanto-zinho que não sei explicar: mal cuidados da vida se vão elles sobre as ondas, á enleiar-se em sonhos de encantos e voluptuosidades. Bem delicados e melindrosos que são estes amores, como um culto de preces misteriosas que teme de profanar á vista do mundo.

Se não sabeis alguns desses amores de pescador, eu vos conto uns muito lindos e muito mimosos que me contarão tambem a mim, que os ouvi com muito gosto de meo: são elles muito ledos e risonhos como uma manhã bem risonha de nossa terra: as vezes se entristecem, mas nunca perdem um sorriso de encanto, que lhe fadarão anjos, que o levão a sorrir bem suave e meigo até desfolhar a ultima flor da vida. Eu vos vou contar como m'os contarão que é assim que os acho muito lindos. (*)

(*) As recordações de um pescador que ahi vão adiante, são fragmentos de uma historieta do mar: não deixão elles de ter um fundo verdadeiro, alem de descrever os costumes do pescador, e á fé que melhor do que o poderia eu fazer: são fragmentos destacados escriptos uns como reminiscencias do passado, outros

IV.

RECORDAÇÕES DE UM PESCADOR.

(fragmento de uma historieta de mar).

N'uma dessas ilhasinhas que ahi andão espalhadas pela nossa bahia, havia uma casinha muito faceira e mimosa, que era um prazer vel-a toda alvinha entre sua roupagem de esmeralda, e suas cinturas de flores: era muito graciosa e linda essa casinha, que á todos encantava, e todos lhe tinham amores. Quando ia-me a passeiar pelas ribeiras do mar que lhe ficavão fronteiras, os olhos se me encandeavão a mirar-lhe as graças feiticeiras, e só de vel-a me sorria de prazer, e o coração me pulava muito dentro do peito: tinha muitas saudades de vel-a sempre, que andava enamorado della; quando me ia á bordejar a tarde no meo barquinho, e que a via muito encantadora espanejar-se nas agoas como uma andorinha do mar, tinha-lhe uns disvellos de amante tão bem sentidos que lhe atirava de longe um beijo. Pelas noites de luar, a acalentava com as minhas canções de pescador, e contava-lhe minhas pequenas magoas da vida de mar: havia nessa casinha algum condão de fada, que me fadara a mim de feiticeira e caprichosa: não sei porque tanto gostava d'ella quando me aborrecia da minha que tambem era bonitinha e bem reclinada sobre as ondas.

Nessa casinha morava uma menina de 15 annos faceira como ella só, esbelta e airosa como nunca vi lindeza assim: não era alva não, mas trigueirinha e rozada, com as faces côr de jambo recendendo perfumes; tinha um rosto feiticeiro e delicado como rostinho de anjo. Seo bracinho era gracioso e torneado a enlaçar o seo collo, como a flâmula d'um barquinho. Quando ella se recostava na sua

como inspirações do momento; assim os ouvi eu e nesse mesmo estylo singelo e chão: e de proposito lhes conservei a fôrma. Não acho que isto seja defeito, que antes um fallar intimo d'alma, deixando-se as vezes a sonhar o passado para fruil-o como gosos do presente, e outras levando-se á seismar suas recordações para bem saturar-as de saudade. O enredo que liga estes trechos separados, pode chamar-se um — romance —: á dar-lhe um nome antes lhe daria o de lenda, que uma lenda é bem simples e modesta, colhida na imaginação singela do povo: muitas d'essas floresinhas de poesia, recendentes de perfume e sentimento, ahi andão perdidas sem ter quem as colha. A minha lenda não tem alardes e affectações: só me servi della para descrever os costumes nacionaes: quanto ao anredo, só lhe accrescentei o que era necessario para comprehender-se os fragmentos de Pedro o pescador.

gelosia, encostava seo queixinho rosado encovinhado na maosinha pequena e assetinada, como um pombinho que se aninhasse n'um açafatesinho de rosas. Seos cabellos muito negros lhe andavão sempre a brincar pelas espaduas. Era muito bonitinha, porem muito zangadinha essa menina: quando lhe ralhavão com ella por alguma travessura fazia um momosinho muito engraçado com sua boquinha rosada, arrulava como uma rolinha, e largava-se a rir como uma perdida: mas se a zangavão batia com a ponta do pesinho no chão, e lá se ia muito triste a chorar: e eu me affligia muito de vel-a chorar, e não sei porque, que não lhe gostava: achava-a muito bonitinha e faceira, mas não gostava de vel-a senão as furtadellas: se ella me olhava com seos grandes olhos negros cheios de fogo, a sorrir-se um certo sorriso malicioso como ella sabia, lá se me ia o sangue a ferver pelas veias, e não sei como era de mim o ter-me em pé. Não lhe gostava não, e é fallar sinceramente. Aos domingos de tarde, era praser vel-a passeiar pelas ribeiras da ilha faceirando-se com o seo lindo roupão domingueiro de cassa côr de canna, que lhe assentava as maravilhas: tinha um de garça azul á cingir-lhe o collo, e umas tamanquinhas de marroquim côr de rosa secca. Era a mais linda moça de nossas ribeiras: e tambem gostava ella muito por capricho que lh'a achassem bonita, mas era innocentinha e não desejava isso por vaidade. Tinha um nome bem doce e bem suave que parecia exhalar-se dos queixumes da vaga, um nome bem ledão que a boca á dissel-o parece sorrir-se: desse nome era eu apaixonado: muita vez no meo correr incerto pelo mar, me reclinava sobre as aguas bem quedo a escutar-lhe murmurar baixinho esse nome, que eu aspirava no fundo do coração como um segredo mystico de inspiração divina; e assim me levava horas inteiras, que só as sentia perdidas, depois de passadas. Nós os pescadores lhe tínhamos dado um apellidosinho muito engraçado de.....: e eu lhe tomei esse apellido para dal-o ao meo barquinho, e quando ella o soube me sorrio muito faceira, que andei por muitos dias á scismar, e á scismar nesse sorriso que já era uma teima que me não saía da cabeça. Depois disso quando ella queria passar da outra banda com sua mãe, e que seo pae andava por fóra, era sempre meo barquinho que ella escolhia e era-me um orgulho ouvil-a dizer: — o meo chará é o mais lindo barquinho desses mares e o mais

corredor de todos—. E já lhe começava a querer bem por isso: mas as vezes arrependia-me, quando ella escarnecia de mim, que muito escarninha era ella: achava-a má e não lhe queria mais: e era ella então a consolar-me, e eu a querer-lhe bem a pesar de tudo. Já não gostava tanto da casinha quando não estava ella na janella, ou colhendo flores pela relva do pateo.

Imdai.

(Continua).

PANTASIAS.

Mulher se eu fosse rei dar-te-hia o imperio,
O diadema, o plaustro, e o sceptro d'ouro,
Marmoreos banhos, povo para adorar-te,
Minha esquadra, que o mar conter não pode
Por um só olhar teu:

Se Deos, o amor, a terra, o imperio, os Anjos,
E os demonios curvados á meo mando,
O de entranhas profundas chaos fecundo
A eternidade, o espaço, os céos, o mundo
Por um só beijo teu.

VICTOR HUGO.

I.

Inspiração fada que brotaste do sorrir dos archanjos, vida de minha vida, alma de minha alma, primeiro balbuciar de minha harpa, unico meo sonho amoroso, feiticeiro, enganador como a gota de orvalho no seio dourado da florinha, que illude o menino, que dosejoso de possuil-a quando vai cortal-a, deslisa-se pela hastea, infiltra-se pela arêa, e desaparece. Ouve-me; vou descantar-te como és formosa, e como te amo.

Vês a vagasinha empinnada no mar, como se arqueia, se debruça, e cose-se com a praia deixando na arêa o sulco de seo beijo ardente, voltar outra vez a sussurrar amor no mesmo leito, que abriu, a espreguiçar-se voluptuosa, a morrer, e viver alternadamente? Vês como a viração da noite brinca em torno da flor, deslisa-se por suas folhas, beija-lhe o calix, filtrando-se do perfume, tingindo-se com sua poeira de oiro, e toda ternura, amor, e caricias desfazer-se em harmonias? Mulher é teu simbolo, tua sombra, tua lembrança a esvoaçar-me na alma, e a desfolhar-me todos os gozos pelo amor, e todo o amor por teos labios côr de nacar.

Minha vagasinha, minha aura escuta como és formosa.

Eu a sós na terra procurava um coração, que entendesse as vibrações de minha alma lá n'essas horas de profunda agonia,

quando o sopro da inspiração a requeimava; e só n'uma visão da noite, n'um lindo sonhar da madrugada via-te cuberta com os véos fantasticos de Ossian te deslisarem-se como uma reminiscencia fragil por minha frente abrasada, té que uma vez te encontrei ante meos olhos, como ja te sonhara em meos devaneios; lembras te que cahido a teos pés meos labios murmurarão aquelle hymno timido, e ardente, palpitando de esperança, receioso como a supplica, supplicante como o amor—eu te amo—.

Meo sonho, minha realidade ouve, como és formosa.

Eu era o despenhadeiro, onde só vinga o cardo, tua semente trasida pela brisa do mar cahida de suas azas descuidosas, n'essa penedia abrasada, que vegetaste viçosa como a felicidade; eu era o viajante montanhez perdido sem a sombra dos bosques, sem a agoa das fontes, ai hia espirar no albor da vida; tu na margem do tumulto applicaste teos labios nos meos, e destillarão os perfumes mais cheirosos dos vales, e eu reneguei da morte, porque vi-te alegre como a vida, esbelta como a palmeira nova.

Minha vida, minha palmeira ouve como és formosa.

Desceste á terra no raio mais brandinho do sol de um arrebol de abril, e por isso teu olhar é feiticeiro como d'aurora, ou brotaste de um suspiro da noite, porque teos cabellos semelham á pluma negra da aza do corvo?

Tuas faces são mais macias que a purpura dos reis; teos labios são um coral, que destillão o mel mais saboroso; tua voz lembra o arrulho da pomba, o gemido do alaude, o som que ouvimos n'um sonho em uma prece amorosa de um anjo, que curva sobre o nosso coração, que nunca mais volta, que nunca mais apparece.

Minha aurora, minha noite, minha pomba, meo alaude ouve como és formosa.

Teo andar é mais veloz que o da corça monteza pelas quebradas das montanhas, mais leve que o das agoas pela saphira de um lago; sinto que passas junto de mim as noites nos meos sonhos pelo aldarvar do meo coração, porque o ar, que respiro, vem apinhado de segredos, humedecido de lagrimas, e suspiros, que o orvalharão, quando elle deslisou-se por junto de teu coração, pela pupilla de teos olhos, pelo nacar de teos labios; teos dentes são umas gottas de leite floreadas n'uma taça de purpura. Não vês como duas rolinhas se affagão, estremecem, e beijão-se todas caricias, e voluptuosidades lá no reconcavo de uma praia com as palpebras humedecidas pelo goso do amor, da ternura do gozo? mulher são os teos seios a arfarem sob a mão do amante.

Minha corça, minha rolinha, ouve como és formosa.

Houve um tempo, em que eu te dizia, mulher, anjo, sonho, vida harmonia, ah! abaixa essa palpebra sobre o veludo de tua pupila engastada n'um globo de leite; não me olhes com esse olhar todo empregnado do goso da esperança, do fogo do amor, porque então receava não encontrar aqui uma mulher, uma inspiração, que se assemelhasse a esse typo; pois bem agora que não és mais

um sonho, escuta a minha prece, abre esses olhos, deixa que eu veja nelles reflectirem-se os devaneios, que me andão cá por dentro, requeimando a alma, deixa que baralhem suas chamas, que vivão no amor, que amem na vida, se evaporem em desejos, se confundão em esperança, que elles digão quanto sentem os corações, quanto as almas cubição, — mulher, inspiração, poesia, religião, ou amor, quem não te ha-de amar? eu te amo, eu te amo, queres saber como, escuta.

II. (*)

O amor é mais valente que a morte.

CANTICO DOS CANTICOS.

Vês como perdido sobre as ondas, quando os furacões mettem os hombros em seo fragil lenho, e ao pé cavão-lhe a sepultura que ha-de talvez tragal-o, o marinheiro agarra-se ao pequeno mastro molhado de suas lagrimas e do pranto da tempestade, de seus beijos e dos tufões; vês como lhe aldarva o coração, os suspiros que lhe comem os labios, o estertor mais frio que o da aza da morte que lhe repassa o corpo? é o amor que lhe consagra, que palpita uesse bater mais forte, que foge nesse suspiro mais dorida, que deslisa-se nesse tremor mais gelido e arrependido: não ouves á noite as auras brincando com seo funebre sopro pelas vellas de seo barquinho perdido lá na imensidão dos mares; não vês como elle reclinado no alto da gavea abraça e humedece-lhe as encharcias chamando-o seo berço, onde embalarão-no os ventos, e cantando seo hymno de devastação, como o chama sua patria querida; queimado pelos raios do gigante do Equador, affeito á onvir a orchestra da tempestade aquelle coração como estremece, chora como o menino, se vê seo amor, seo berço, sua patria quasi á abismar-se para sempre; como seus olhos acostumados á contemplar a dissolução, o oceano á rasgar-se, o céu a espedaçar-se, a nuvem á incendiar-se e tudo á baralhar-se, se derretem, se ouve seo barquinho gemer ao choque da vaga, arfar ao estampido do trovão, tremer á queda do raio; ai... não ouves uma canção monotona, triste quebrar a mudez da noite? é delle, do pobre marinheiro, que procura na harpa do coração a corda mais brandinha para entoar-lhe um canto; não ouves como aquella voz rude torna-se branda e flexivel ao contacto de seo nome, como ao pronuncial-o derrete-se-lhe o coração pelos olhos; olha com que saciedade o deixa, com que folgar o en-

(*) A ultima parte desta imaginação, como verá quem lêl-a, tem seus laivos de imitação: mas me era isto inevitavel depois da leitura que fiz, de um artigo que versa sobre o mesmo assumpto. E' elle tão bello que apesar de pôr peito para afastar-me, imitei-o, não sei se com bom ou máo successo; — ahi está a critica para julgar.

contra? Pois bem; *eu te amo como o marinheiro ama seu barquinho.*

Vês tu um par de cisnes candidos cheios de amor ir par á par da praia do lago ao pincaro da montanha, do pincaro da montanha ao ramo da palmeira deslizando-se juntos, iguaes pelo seio do ar, já ferindo com as azas o espelho do mar, já estendendo-as, já encolhendo-as, baixar, altear o vôo, estremecer a um leve rumor, internarem-se nas nuvens, amarem-se com as carícias de duas rolinhas, cheios de voluptuosidade no gozo, cheios de feitiço no amor, fabricarem seu ninho á margem dos corgos, para embriagarem-se em sua harmonia o amor, nos seus suspiros o coração, no azul setim do céu seus olhos, beijarem-se, olharem-se com encanto, chegarem-se, afastarem-se, unirem-se, morrerem e reviverem? *Mulher, eu te amo com essa voluptuosidade.*

Ouves o retinir da guerra? o coração do bravo soldado floresce e dilata-se como a esponja embebida da lymphá; o clangor das trombetas o chama aos campos da lide? como ama perdidamente a gloria dos combates; parte, vôa á vêr sua mãe, sua esposa, seu unico bem, —a guerra—, unica felicidade que almeja, unica esperança que lhe alimenta o coração, seu sonho, seu delirio, sua fantasia; como elle abraça e beija o labaro, enfeita-o das flores mais mimosas; lá perdido entre o fumo á escutar os trovões da guerra, o rufar das caixas, o ecoar das trombetas entre nuvens de pó, salpicado de sangue, com a fronte alagada em rubido suor, entusiasta, ardente, abrasado, não o ouves já soltar uma imprecação, já agachar-se, já erguer-se, invadir, recuar, alçar, abater o montante, romper uma fileira, ou cahir mordendo a arêa, estrebuchando n'um lago de sangue, chamar sua guerra, sua victoria, suas armas? como vai e vem despedindo faiscas dos olhos, com cabellos hirtos na frente gotejando frigiditas bagas murmura, —minha lamina valente, minha companheira fiel? Vencido como elle inda ama suas armas, cobre-as de nojo, chora sobre ellas, conversa-as, chama-as sua esposa de exilio, e inda crava nellas sua esperança? Vencedor como orna-as com os louros borrifados de sangue, seu trophéo de morte, seu laurel de amor? como deita-se sobre ellas, estende-lhe os braços, canta-lhes um hymno, adora-as, adormece e inda sonha com ellas? *Mulher, assim é fogoso meu amor.*

Olha; vês tu duas vagasinhas, dous regatos, dous lirios desabrochados ao beijo da aragem na saphira do mar, emballados no tronco de esmeralda abrindo com os frageis hombros o leito d'ouro, encontrarem-se, confundirem-se, separarem-se, cruzarem-se, conversarem em seus suspiros, em seus perfumes, em seus murmurios sem ter vento que os cave, furacões que os esfolhem, sóes que os abrasem, só fruirem o amor na vida, na vida as delicias, nas delicias os céos; amar na vida, viver na morte, existir nos beijos, morrer, viver para tornar a morrer e reviver, derreter-se nas auras em perfumes, queixas e lagrimas? *Mulher, é o symbolo de meu amor.*

Enxergas o escravo trabalhado, exausto do labor do dia á hora do crepusculo, no cabo da enxada á margem do surco que vem de abrir, prenhal-o de lagrimas doídas, mudas, eloquentes, maldictas, como sonha ver ahi sua patria, seos pais, seos amigos, uma doce reminiscencia de seos amores, sua vida, seo passado que não ha-de voltar, arrenegar do captiveiro, murmurar tão baixinho um nome, que tomarás antes pelo echo do pensamento — liberdade — embora venha a tempestade, embora venha o luar, estenda-se a noite, deslize-se o dia, e como uma estatua de granito onde transpira a vida só no estremecer dos labios, no deslisar do pranto? ouves-lhes essa oração interna d'alma para a terra de seo nascer, sua rede, seo arco, sua flexa, seo iatagan, emfim sua independencia? *Mulher, é a imagem de meo amor.*

Vês o estrangeiro peregrino errando de terra em terra, pousado sob o tecto hospitaleiro de um pardieiro, sentado na barbacan das serranias a conversar com as pedras, e com as flores, á perguntar á brisa se veio de sua patria, se aquellas harmonias tão prenhes de doçura roçarão pelo seo tecto, á fallar com as nuvens e com as estrellas, á perguntar-lhes se os olhos d'*Ella* estão cravados em seo disco, se ellas repartem suas inspirações por ambos; vês lá nas palmeiras das cumiadas das montanhas os penachos dos guerreiros de sua patria tintos no reflexo argenteo da lua; como elle deseja a asa do passaro que vóa, do nevoeiro que corre, do furacão que sopra, como perdido na memoria d'esse passado feiticeiro elle vê em tudo sua patria; doentio, enfermo, quando a mão gelada do tumulto vem abotoar-lhe as palpebras, grudar-lhe os labios, desbotar-lhe o olhar frio da pupilla funebre, immovel, como fixa sobre a asa da morte, vês como procura detel-a todo elle reminiscencia, lembrança, saudades de seo paiz, porque inda quer vêr e beijar a arêa, que tanto idolatra? *Mulher, assim eu te amo.*

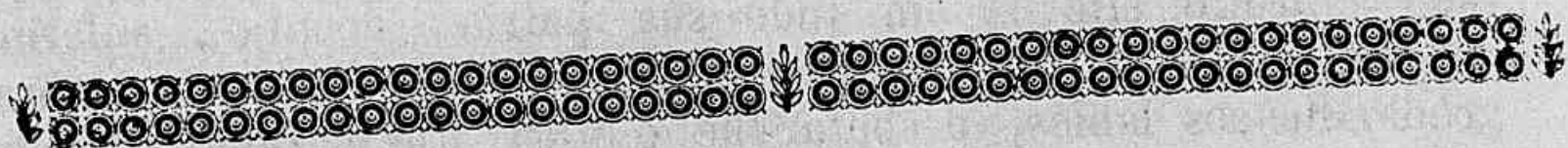
Vês lá está o padre reclinado nos braços da cruz, cuja sombra humedece-lhe, orvalha-lhe o coração, refresca e purifica a alma; no seo recolhimento profundo, santo, misterioso como adora a religião, Deos symbolisado nessa imagem sublime, é ella seo amor, como este é a religião do poeta: sua alma como o perfume da flor desertada do corpo perde-se no seio da virgem pomba, humilde, fervorosa em suas orações, ardente e fanatica em suas preces como ella adora! guerreiro trava do gladio para defender sua esposa, bardo toma o psalterio e evapora seo coração em harmonias, amante faz o sacrificio de sua carne turturada pelo cilicio; arroubado em seos extasis, perdido em seos devaneios, a religião cahindo como gotas de orvalho em seo coração funde-o, acrisola-o na fé, na esperanza e na charidade; vês como é grande, sublime, humilde e orgulhoso esse amor? *Mulher, tal é o que te consagro.*

Vês como tudo da terra se attrahe? a alma para Deos, o homem para a mulher, o corpo para o espirito, o espirito para

o coração, harmonia, tendencia, força, segredo que os identifica os aproxima? Vês com que carinho olha a mãe para seu filho que adora, quando elle pende-lhe do peito, quando lhe estende os bracinhos, e articula esse innocente estrebilho — *maman* — ; como se desfaz sua alma na delle, seu corpo no della, ai della, se a morte vem quebrar-lhe o talisman, arrancar a enreda do tronco onde vivia: é a dor errando nos tumulos, é a reminiscencia voltejando sobre a lousa do bardo. Vês com que pureza e candura o irmão procura a irmã, vê nella a porção de seu ser, como duas rosas que brotão do mesmo pé, pendem da mesma hastea, emballão-se da mesma brisa, elles se amão? *Mulher, vê ahí o meo amor.*

Agora reúne tudo isso, o amor do marinheiro, o amor do soldado, o amor do peregrino, o amor do escravo, o amor do cisne, o amor das flores, o amor do padre, do pai, da mãe, do irmão, junta-lhe tudo do Céu, da terra, dos abysmos, do tumulo, da vida, que esse é o amor que te consagro, mulher, porque tu és minha mãe, minha religião, minha pomba, minha flor, minha vaga, minha aura, minha irmã, meo anjo, meo Deus, meo tudo! Que mais queres mulher? um throno? dar-te-hei meo coração: um culto? render-te-ha minha alma: um hymno? aceita-o.

O. A.



POESIA.

ADEOS....

Sunt lacrimæ rerum.

Quanto é duro morrer, oh! minha amada
Na manhã da existencia, — pouco a pouco
Ver da vida o clarão ir-se extinguindo
Como funebre tocha que esclarece
Essa da morte habitação cruenta;
Sentir no peito o coração pulsando
Ainda joven oh! bella e só ter prantos
P'ra orvalhal-a! — fitar nos Céos os olhos,
E se quer não achar uma estrellinha
Por entre as vestes de ennublada noite
A sorrir esperanças lá no fundo
De apartado horisonte; — embalar-mos
Nossa alma no sussurro dos ciprestes

Só respirar os goivos dos sepulchros ;
Quem existindo assim almeja a vida !
Pois bem a despedida é como a morte ,
O' formosura, o' vida de minha alma.



Sonhei, sonhei venturas:—sim minha alma
Ai só essa aura respirar podia ;
Quando em meos labios aridos chegava
Essa taça dourada, uma por uma
As doces illusões se desfolhavam ;
Era minha alma etherea borboleta
Que rasgou a chrysalida de novo
Das asas sacudindo aurea poeira
A esvoaçar, beijar todas as flores ,
Té que exhausta cahia sobre a terra ,
Porque em vez de sorver da rosa o nectar
Bebia o succo do absinthio amargo.



Olha—chega do adeos a hora extrema ;
Como no coração fibra por fibra
Vem saudade vibrar c'as negras azas
Sons, agro pranto;—agora o' minha bella
Para me assassinar vê como estende
Ante meos olhos os passados gozos :
Quantas vezes as sombras das florestas
N'um doce sussurrar está dizendo ,
Quando surgia feiticeira lua
Lá por traz dos penachos dos coqueiros
Vendo nos olhos teos nadar minha alma,
Tão pura como o ar que tu respiras
Na corda mais brandinha de minha harpa
Eu aprendia a te fallar de amores ;
Como me está lembrando aquellas juras
Que em teos braços ó vida de minha alma
Agarrado qual era á esbelto tronco
Sem voz que o coração por nossos olhos
Elloquente fallava o que sentiamos :
Como que agora te dizia — attende ;
Olha, a belleza é semelhante á roza
Que ao debrochar os zephiros emballão ;
Mas quando no horisonte expira a tarde,

Langue n'hastea, debruça a fronte e morre.
— Agora és tu formosa como o Archanjo
Que vella em torno da innocencia tua,
Quando cansada a palpebra se abate
Para em sombras nadar teos lindos olhos.



Que mais no mundo para amar me resta
Rápidos gozos, fruições d'um dia:
O prazer me fatiga, a dor me rala,
Antes o seio do insensível nada.



Adeos,—chegou a hora da partida;
Oh! não tenho no peito uma só fibra
Que ao golpe da saudade não gemesse,
Adeos,—o fado rigoroso ó bella
Talvez, quem sabe, para sempre.... escuta;
Volve-me inda um olhar, dá-me inda um pranto
Mulher que eu vou deixar, que eu tanto adoro.

O. A.

MEDITAÇÃO XII.

(LAMARTINE).

A TRISTEZA.

Transportai-me, exclama, ás lindas praias,
Onde Naples reflecte em mar ceruleo
Puros astros, palacios, veigas; — onde
Florece a lorangeira em Céu sem nodoa.
Vamos, porque tardais?— Vêr inda quero
O Vesuvio inflamado sobre as ondas,
Dos seos cumes a aurora apavonar-se,
E os passos dirigindo da que adoro
Arroubado descer as lindas veigas.



Do quieto golfo segueme nas voltas,
 Volvamos á essas margens conhecidas
 Jardins de Cynthia, tumulto de Virgilio
 Junto aos restos do templo de Cythera;
 Lá sob a laranjeira, e a vide em flores
 Cujo ramo flexivel se une ao mirtho
 Sobre ti florea abobada tecendo
 A' sós em nosso amor, e a natureza,
 Mas encantos terão a luz, e a vida
 Do vento ao sussurrar, ao som das vagas.



Dos tristes dias meos se gasta o cirio
 E se extingue da sorte ao sopro lento;
 Ou se um fraco clarão, espraia ás vezes,
 E' quando a idéa tua em mim se aviva.
 Não sei se me darão emfim os Deoses
 Na terra alliviar penosa vida:
 Estreita-se o horisonte, e a vista incerta
 Ousa apenas leval-a alem d'um anno.



Mas se é força morrer no albor da vida,
 E na terra á ventura consagrada
 Deixar das mãos cahir-me
 A taça que o destino
 Parecia para mim c'roar de rosas,
 Só peço aos Deoses transportar-me ás praias,
 Ai! que tua lembrança inda embellece,
 E saudando de longe os bellos climas,
 Onde a vida fruí, findar meos dias.

O. A.



PENSAMENTOS.

A vida é semelhante ao condemnado que adormece com os sonhos da esperança e acorda com o cada falso erguido.

Mais vale com olhos enxutos e rosto sereno soffrendo baixar a campa, que pedir ociosa compaixão ao mundo egoista.

Ha momentos em que o homem embebido em doces pensares do mundo se deslembra, e de si mesmo; então sua alma percorre céos nunca sonhados; mil projectos de amor, grandezas e renome se desdobrão ante ella ornados pela phantasia com as mais bellas galas: mas ah! em breve um pensamento lhe cercêa as azas, e baqueando d'um mundo ideal só vê terra adusta regada por lagrimas: esse pensamento é o da nullidade humana.

CHARADAS.

I.

Lá no Norte refulgindo
Sou estrella mui mimosa
Que orno do Brasil a c'roa
Entre outras mui formosa.— 2

Sou uma de seis irmãs
Nem segunda, nem primeira,
Nem a quarta, nem a quinta,
Nem tambem a derradeira.— 1

Assim era na tristura
Sem eu ter quem me acolhesse,
Sem que as bagas de meos olhos
Linda mão as recolhesse.— 1

CONCEITO.

E' morada da virtude
Lá não entra condemnado;
E' só asilo de christão
Que lavou-se do pecado.



II.

Amei-te meo anjo, outr'ora
Como a celeste cherubim;
Deixei-te de amar agora
Porque és minha vida assim,— 1

Quando em sonhos eu te via
Bella, linda, e tão formosa

Ah! então assim fazia
Para ti que eras mimosa. — 2

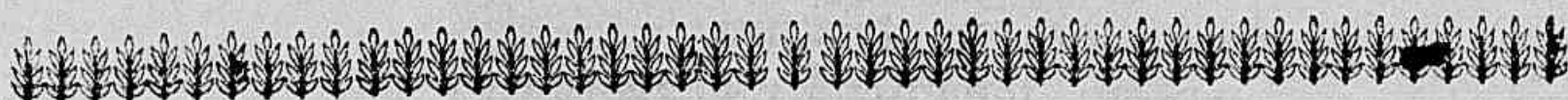
Hoje em tua mana querida
Lá me vês dando-lhe a morte,
Roubando da sina o fim
Para encher a sua sorte. — 2

CONCEITO.

Teo nome meigo e suave
Me dá vida e alento ;
E tú, meo amor, és bella
Qual cecem que emballa o vento.

E' a boquinha mimosa
Guarnecida de marfim ;
Como o lirio que se ufana
Por entre o lindo carmim.

A trança linda, gentil
Pelo collo deslisada
E' qual tinta denegrida,
No alabastro repousada.



INDICE DAS MATERIAS.

- Minhas reflexões — O Christianismo, por C. — pag. 1.
Breves considerações sobre o Romance, por A. P. F. — pag. 3.
Dia de Finados, por C. — pag. 7.
Estudos sobre os Costumes Nacionaes — O Pescador, por
Imdai. — pag. 11.
Fantasias, por O. A. — pag. 14.
Poesia, por O. A. — pag. 19.
Pensamentos. — pag. 22.
Charadas. — pag. 23.

